

**nic cardeal**

# Costurando Ventanias

**Uns contos e outras crônicas**

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2021*



# Eu quero a música que mora dentro da flauta

“Talvez seja esse o jeito de escrever sobre a alma em cuja  
memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...”

**Rubem Alves** – *Na morada das palavras*



## A VOZ

Gosto muito de ficar em casa. Gosto de sair a andar. Gosto de subir e descer montes. Não muito altos. Daqueles em que se pode respirar um bom ar. Sentar-me na beira da estrada de areia e terra e sossegar. Gosto de janelas abertas. Portas escancaradas. Nuvens, pássaros voando para lá e para cá. Estrelas no prematuro da noite, caindo de lá e de cá. Folhas verdes, folhas secas ao vento. Borboletas e abelhas no inebriar das flores. Florestas balançando tempestades ou ensaiando brisas leves no balé dos galhos. Águas destilando horizontes.

Gosto de um punhado de viagens aguardando minhas partidas. De bons bocados de descanso à espera das chegadas. Gosto de caminhos. De atravessar noites muito acesa, olhando bem fundo dentro dos olhos da madrugada que se prepara às luzes do amanhecer. Um silêncio que espregueia zumbidos em meus ouvidos. Acordando meus grilos. Sinto cheiro de saudades nessas horas que me fazem demorar. E um sabor muito antigo de um tempo a descoberto. Como se eu pudesse enfiar minhas mãos dentro do próprio peito e arrancar a socos lentos essa raiz impregnada da fotografia que eu vi. E que veio morar aqui, na soleira da janela de me abrir para dentro. Naquele meu fundo beirando a precipícios, onde guardo secretas asas de mergulhar meus paradoxos. Gosto dos olhos na fotografia pousada ali. E da voz recolhida atrás da fotografia – em sua fome de som. Atrevida. Para a vida.

## A linha

Nunca fui boa de voz. Não lembro se alguma vez consegui gritar. Custa muito a me fazer ouvir. Penso que minhas cordas vocais sejam semelhantes a tênues fios de linha muito fáceis de romper. Por isso, aproveito esses finos fios para fazê-los de anzol. Empenho-me, assim, no ofício de pescar palavras no vasto mar que navega, para lá e para cá, dentro do meu peito, feito da mesma água que invade meus olhos fundos, bem distante da superfície do mundo.

Veza por outra tenho sorte – nesses momentos a pescaria é farta: poemas engolem a isca e vêm à superfície de mim, inteiros e intactos – é dia de festa!

Não sou eu quem escreve. Os poemas me descrevem. Os poemas são a alma. As palavras, seu corpo. Eu – apenas a linha que pesca. Tênue, frágil, breve. Um dia, enfim, estarei prescrita. Um recomeço a contento, fazendo de mim alicerce do Templo em outro tempo.

## Lista de desejos

Eu não quero só a flauta. Eu quero a música que mora dentro da flauta. Cada nota escondida em sustenidos sentidos. Eu quero os acordes da poesia virando canção – e a voz que a faz palavra entoada. Sim, sou egoísta por querer a flauta e a moradora da flauta.

Eu também quero a vida que atravessa a palavra. Sorver até a última gota esse silêncio que sufoca a garganta e impede a voz de ser o órgão febril da palavra. Eu não quero apenas a mão que ergue a caneta e escreve a palavra. Eu quero a alma que percorre a mão, eu quero o gesto, o verbo, a liberdade voando solta nas asas da palavra – tão fugidia. Esguia. Esgueirando-se sorradeira no teu olhar de mistérios. Sorrisos soltos em silêncios tão sérios.

Eu não quero apenas a roupa da carne. Eu quero o corpo, o osso, a veia repleta de vivo vermelho, a seiva que alimenta o peito e lateja o doce e o amargo. Eu quero conhecer tua ferida. O corte da pele, o sangue jorrando em gotas, o choro do ventre, a semente parindo o futuro do indicativo. Eu quero a ruga, a curva, o passo apressado, o olhar tão cansado, a ira impulsiva, a angústia desmedida, a saudade guardada na vértebra esquerda de desesperos entorpecidos. Eu quero o riso, a gargalhada, a alegria, o sonho louco na medida exata. Ou perdida.

Eu não quero apenas a solidão da palavra. Nem somente a flauta. Eu quero a curva do rio escorrendo enchentes em

desejos tão urgentes. E a paciência do tempo favorecendo o despertar da semente. Eu quero o amor que mora na semente – da flauta.

Sim, sou egoísta por querer o órgão febril do coração da flauta. Eu quero o outro lado da lua. Esse lado da rua. O meio da rua. A avenida. Estrada de terra batida. A ponta da estrela iluminando o caminho. Os passos tão gastos em perfurados sapatos.

Esta é minha pauta – a música da (tua) vida. No toque sutil (ou áspero) da flauta.

## Ao corpo

Este corpo animado que me carrega só é animado porque me carrega. O dia em que cair em desgraça para a negação de me carregar em suas ‘costas’, estarei aflita, eu – a alma – que mora provisoriamente neste corpo que me carrega...

Serei um fardo a este corpo que me leva de um lado ao outro, enquanto eu – a alma – estico-me por inteiro na corda bamba da vida, a tentar de uma vez por todas remendar minhas feridas?

Ao corpo que me leva de um lado ao outro eu sou deveras grata. Não fosse ele, que seria de mim – solta no ar, diáfana, fora da gravidade, rarefeita, quem sabe líquida – a olhar por olhos inexistentes a vida a vagar desde a terra removível até a semente?

Que por ele eu não caia em tentação – este corpo que me arrebatava e me atira em supostas desgraças de viver a vida no afã do amanhã, porque seus desejos atingem-me em cheio, reviram-me ao avesso, fazendo-me pagar altos preços por ilusões perdidas nos desvios de um destino traçado às custas de lutas vãs – ainda que em alma eu sonhe ser tão vasta quanto o horizonte de cada manhã.

Este corpo que me carrega – a minha casa de viver a vida – porção considerável de resistir no mundo até a última gota do sopro de vento que há de virar chuva fininha: garoa miúda lavando a calçada, por onde outrora pisou um dia, feliz, este corpo que me carregou de um lado ao outro das minhas esperanças tão ávidas de existência...



***Contato: [nic\\_cardeal@hotmail.com](mailto:nic_cardeal@hotmail.com)***



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Dante MT pela  
Editora Penalux e impresso em papel pólen  
soft 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2021.

---